

## COMO SÃO AS RELAÇÕES AFETUOSAS DE MULHERES VIOLENTADAS NA INFÂNCIA<sup>1</sup>

### *HOW CHILDHOOD SEXUAL ABUSE AFFECTS ADULT WOMEN'S RELATIONSHIPS*

**Carolina Soldera<sup>2</sup>, Gabriella Vieira<sup>2</sup>, Michele Pereira<sup>2</sup>,  
Fernanda Real Dotto<sup>3</sup> e Janaína Pereira Pretto Carlesso<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

No presente estudo, foi analisada a produção científica sobre a violência sexual, particularmente as repercussões do abuso sexual na vida afetiva de mulheres adultas. Este artigo teve como objetivo verificar as repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e examinar seus reflexos negativos nas relações afetivas de mulheres na idade adulta. A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica sobre o assunto num período de dois meses nas seguintes bases de dados eletrônicas: Scielo, Google Acadêmico, PePSIC, Lilacs. Pelos resultados obtidos, constatou-se que a violência sexual sofrida na infância pode repercutir negativamente nas relações afetivas de mulheres adultas, potencializando o surgimento de desordens afetivas, comportamentais e sociais, tais como: quadros depressivos retraimento, medo, agressividade, baixa autoestima, promiscuidade, falta de confiança no parceiro e carência de desejo sexual. Portanto, a violência sexual sofrida durante a infância poderá interferir no estabelecimento de vínculos afetivos na vida adulta, por isso, deve ser tratada o mais precocemente possível por meio de ações preventivas e interventivas na área de Psicologia.

**Palavras-chave:** abuso sexual, trauma infantil, violência sexual.

#### **ABSTRACT**

*This study analyzed the existing scientific literature on sexual violence, particularly the impact of childhood sexual abuse on the emotional life of adult women. This study aimed to verify the negative effects of childhood sexual abuse on adult women's relationships. The research was conducted through a literature review on the subject investigated, and during two months' time the following electronic databases were analyzed: Scielo, Google Scholar, PePSIC, and Lilacs. The results show that childhood sexual violence may have a negative effect on adult women's relationships enhancing the appearance of affective, behavioral and social disorders, such as depressive disorders, withdrawal, fear, aggression, low self-esteem, promiscuity, lack of trust in the partner, and lack of sexual desire. Therefore, sexual violence in childhood may affect the development of emotional relationships later in life, and so should be treated as early as possible through preventive interventions in the Psychology field.*

**Keywords:** sexual abuse, childhood trauma, sexual violence.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Iniciação Científica.

<sup>2</sup> Acadêmicas do Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mails: carolina.soldera@unifra.edu.br; g.vieira@unifra.edu.br; michele.p@unifra.edu.br

<sup>3</sup> Orientadoras. Docentes do Curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mails: fernandareal@hotmail.com; janapcarlesso@yahoo.com.br

## **INTRODUÇÃO**

O abuso ou a violência sexual envolve ações de cunho sexual no qual o agressor se encontra em um desenvolvimento psicosssexual mais avançado do que a vítima, tendo como objetivo incitá-la sexualmente e/ou receber estímulo sexual por meio de imposições a crianças e adolescentes utilizando violência física, ameaças ou indução de sua vontade (REZENDE, 2011). Da mesma forma, Watson (1994) define abuso sexual como qualquer atividade ou interação na qual a intenção é estimular e/ou controlar a sexualidade da criança.

Segundo Habigzang (2005), alguns estudos epidemiológicos têm sido desenvolvidos com os objetivos de investigar a incidência e a prevalência do abuso sexual, bem como analisar indicadores psicológicos e sociais associados a esse fenômeno. Os resultados têm apontado que a maioria dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes ocorre dentro das casas das vítimas e configuram-se como abusos sexuais incestuosos, sendo que o pai biológico e o padrasto aparecem como principais perpetradores. Ocorre, também, uma maior prevalência em meninas, principalmente entre os abusos incestuosos. A idade de início é bastante precoce, sendo que a maioria se concentra entre os cinco e os oito anos de idade. A mãe é a pessoa mais procurada na solicitação de ajuda e a maioria dos casos é revelada, pelo menos, um ano depois do início do abuso sexual (COHEN, 1997; KRISTENSEN; OLIVEIRA; FLORES, 1999; DE LORENZI; PONTALTI; FLECH, 2001; BRAUN, 2002; CAMINHA; HABIGZANG; BELLÉ, 2003).

Devido ao interesse em buscar mecanismos que possam subsidiar ações preventivas e interventivas na área da Psicologia em casos de situações de violência sexual, surge a necessidade de se compreender quais reflexos negativos a violência sexual vivenciada na infância pode manifestar no comportamento da mulher. Diante dessa problemática, no presente estudo, objetiva-se verificar as repercussões do abuso sexual vivido na infância e examinar suas implicações negativas nas relações afetivas de mulheres na idade adulta.

## **ABUSO E VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA**

Relacionamento significa a ligação afetiva, profissional ou de amizade entre pessoas que se unem com os mesmos objetivos e interesses. O termo afetividade refere-se às diversas emoções que uma pessoa pode demonstrar diante de diferentes situações.

A infância é vista como uma época de inocência, em que a criança necessita de cuidados parentais. Esses cuidados consistem em educação, higiene, saúde, proteção, entre outros fatores essenciais para formar o indivíduo. Quando ocorre um trauma, como o abuso sexual, essa fase da vida da criança pode ficar comprometida. Os efeitos psicológicos do abuso sexual podem ser devastadores, e os problemas decorrentes desse ato, às vezes, persistem na vida adulta dessas crianças (REZENDE, 2013).

Na maioria dos casos, a violência ocorre no meio familiar, pois a criança já criou uma relação de confiança com esse indivíduo, facilitando para o adulto o acesso a ela. Justamente por esse motivo, é muito difícil a descoberta desse tipo de abuso, porque a criança não quer prejudicar sua relação com o familiar ou não entende que o abuso é um ato ilícito, passível de punição (MALGARIM; BENETTI, 2010).

O incesto quando ocorre é considerado, geralmente, a relação entre pais e filhos, entre irmãos ou meios-irmãos ou entre tios e sobrinhos, além de parentes por nascimento. Além desses, podem ser considerados parentes aqueles que se unem ao grupo familiar por adoção ou casamento, tais como enteados, pais adotivos, irmãos de criação (REZENDE, 2013). Esse comportamento incestuoso pode decorrer de uma infância conturbada dos agressores, como negligência em suas famílias de origem, uso de álcool e outras drogas, papéis sexuais rígidos, falta de comunicação entre os membros da família, autoritarismo, famílias reestruturadas (presença de padrasto ou madrasta), pais que sofrem de transtornos psiquiátricos, doença, morte ou separação do cônjuge (HABIGZANG et al., 2005).

O abuso pode ter início apenas com pequenos gestos e toques, parecendo, ao modo de ver da vítima, como carinho e afeto, o que pode evoluir para contato genital-oral, carícias nas áreas genitais, etc. Assim, o indivíduo acaba por consolidar o abuso por vários motivos. Um deles pode estar na vontade de poder, quando se tem por objetivo seduzir, persuadir, ameaçar ou violentar fisicamente, em que o indivíduo acaba transformando a criança em seu objeto de desejo e concretiza seus atos. Ele tem como intuito estimular sexualmente a criança para atingir a sua satisfação (REZENDE, 2013). Segundo Benjamin Sadock e Virgini Sadock (2008), é difícil se provar que uma criança sofreu algum tipo de abuso sexual, entretanto, algumas características ajudam a denunciar tal ato.

Segundo Cogo et al. (2011), crianças que, por exemplo, têm conhecimento detalhado sobre o ato sexual, incomum para sua faixa etária, podem já ter sido abusadas. Além disso, essas crianças frequentemente são agressivas e têm medo de adultos, principalmente homens. Os autores também afirmam que crianças que sofrem abuso físico ou sexual exibem muitos transtornos psiquiátricos, incluindo ansiedade, comportamento agressivo, ideação paranoide, transtorno de estresse pós-traumático, transtornos depressivos e maiores riscos de comportamento suicida.

As vítimas do abuso podem acabar adquirindo comportamentos sensuais que foram aprendidos com o primeiro agressor e podem facilitar uma próxima agressão. Elas agem de maneira carinhosa sem nenhum interesse sexual, apenas querem receber carinho e atenção, no entanto, quando o adulto é propício a realizar tal ato, confundem-se com o ato de paixão e malícia (REZENDE, 2013).

Os reflexos da violência sexual vivenciada na infância potencializam o surgimento de distúrbios afetivos, comportamentais e sociais na idade adulta, tais como: depressão, retraimento, medo excessivo, agressividade, problemas referentes à transformação de sua imagem corporal e transtorno de personalidade *borderline*, caracterizado, segundo o DSM-V (APA, 2014), por um padrão difuso de instabilidade das relações interpessoais, da autoimagem e de afetos e de impulsividade acentuada, que surge no começo da vida adulta e está presente em vários contextos.

Por exemplo, uma mulher que possui histórico de abuso sexual devido ao fato de, em sua infância, ter tido o corpo desejado por alguém, poderá, na vida adulta, transformar sua imagem corporal de modo que esta não desperte desejo em outro. Ela prefere que seu corpo esteja fora dos padrões de beleza, diferente daquele corpo que um dia foi alvo de interesse, ficando, assim, mais distante de possíveis ameaças (SANT'ANNA; BAIMA, 2008).

O transtorno de personalidade *borderline* está fortemente associado ao abuso sexual. É como se houvesse uma incorporação gradual dos sintomas primários do trauma do abuso, como depressão, labilidade emocional, impulsividade, ambivalência, ansiedade de separação, cisão da personalidade, dificuldade em confiar nas pessoas e medo de intimidade na estrutura de personalidade (GREEN, 1995; DILILLO; LONG, 1999).

As mulheres que sobrevivem a esse tipo de violência experienciam um emaranhado de disfunções sexuais, como diminuição do apetite sexual, problema de lubrificação e vaginismo. Além disso, durante suas relações sexuais relembram os momentos da agressão em espécies de *flashbacks*. Elas têm sua habilidade de proteger sua saúde sexual afetada por causa da vergonha e da vulnerabilidade que sentem ao ir a uma consulta ginecológica (JACOB, 2009).

O dano dessa violência pode provocar a percepção de que a excitação sexual é algo ruim, assim, rejeitando ou impossibilitando-a de sentir as sensações de prazer durante o ato sexual.

Lowen (1997, p. 153) comenta que:

Muitas mulheres sentem vergonha de sua sexualidade porque não lhes foi permitido desenvolvê-la como uma expressão de amor. E, no entanto, a sexualidade é uma expressão de amor, um desejo de estar próximo e unido com outra pessoa. Infelizmente, esse amor é geralmente misturado com seu oposto - a hostilidade.

Mulheres abusadas sexualmente na infância podem apresentar, também, tendência ao sexo violento ou sadomasoquista. Quando assumem a postura sádica (excitação sexual à implicação de poder sobre o outro), vivenciam uma mudança de papéis, adotando a posição do dominador. Já na postura masoquista (submissão), retiram a culpa que as impede de entregar-se sexualmente (JACOB, 2009).

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Realizou-se uma revisão bibliográfica referente às repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e suas implicações negativas nas relações afetivas de mulheres na idade adulta. Para isso, procedeu-se uma busca sistemática das principais produções sobre a temática nas bases de dados eletrônicas: Scielo, Google Acadêmico, PePSIC, Lilacs, por meio da palavra-chave “abuso sexual”. Após esse procedimento, realizou-se a leitura de todos os artigos identificados. Como critério de inclusão nesta revisão e também para realizar a análise dos dados, utilizou-se a busca de artigos que considerassem os efeitos do abuso sexual infantil no estabelecimento de vínculos afetivos na idade adulta.

A revisão de literatura ou bibliográfica tem dois propósitos (ALVES-MAZZOTTI, 2002): a construção de uma contextualização para o problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa. Portanto, nesse tipo de produção, o material coletado pelo levantamento bibliográfico é organizado por procedência, ou seja, fontes científicas (artigos, teses, dissertações) e fontes de divulgação de ideias (revistas, *sites*, vídeos, etc.) e, a partir de sua análise, permite ao pesquisador a elaboração de ensaios que favorecem a contextualização, problematização e uma primeira validação do quadro teórico a ser utilizado na investigação empreendida.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão bibliográfica realizada aponta que o abuso sexual vivenciado na infância poderá refletir negativamente nas relações afetivas, acarretando o surgimento de distúrbios emocionais, comportamentais e sociais na vida da mulher na idade adulta, sendo observado sentimento de insegurança e dificuldade de estabelecer vínculos de confiança ou ainda culpa após o ato sexual. Muitas vezes, essa culpa permanece durante a vida, impedindo que as mulheres violentadas sintam prazer ou desejo em relações sexuais, assim, evitando-as (SANT'ANA; BAIMA, 2008).

A área da sexualidade parece ser uma das mais atingidas no caso da vitimização sexual na infância e na adolescência. De modo geral, os problemas de adaptação sexual estão ligados a uma negação de todo e qualquer relacionamento sexual ou a uma incapacidade de vivenciar relacionamentos sexuais satisfatórios (LIMA; DIOLINA apud SCHERER; SCHERER, 2000).

Lima e Diolina (apud SCHERER; SCHERER, 2000) apontam como repercussão negativa do abuso sexual o “medo da intimidade” as vítimas geralmente demonstram recusa ao estabelecer relações com pessoas do sexo oposto. As autoras afirmam que:

O “medo da intimidade” é caracterizado pela impossibilidade de estabelecer uma ligação afetiva, com confiança e atenção recíproca. Esse medo está relacionado à possibilidade de reviver experiências traumáticas vividas com o agressor e também ao sentimento de desconfiança, por ter sido, no caso do incesto, abusada pelo pai e nem sempre protegida pela mãe. (LIMA; DIOLINA apud SCHERER; SCHERER, 2000, p. 49).

Segundo Boarati (2009), são várias as sequelas presentes na vítima que sofre abuso sexual. É uma violência física e psicológica, uma marca presente a cada dia e que, na maioria das vezes, não se apaga. Ao analisar essas consequências, a autora afirma que, no âmbito da saúde, elas são variadas e numerosas, incluindo efeitos no campo físico e emocional a curto e longo prazo, além de haver um consenso na literatura acerca do ciclo de repetição do fenômeno que se estabelece nas pessoas que sofreram maus-tratos. A partir de um viés psicanalítico, considera-se que o fato traumático pode ser reproduzido, mesmo que sutilmente, nos relacionamentos que se estabelecem, com características

de “isolamento e indisponibilidade para relacionamentos, sobretudo amorosos, e entre as gerações, em uma cadeia de violências intrassubjetivas, intersubjetivas e transubjetivas” (LIMA; DIOLINA, s/d, s/p).

Green (1995), Dilillo e Long (1999) apontam que há um grande número de mulheres que mostram sinais de promiscuidade, pois deixam de valorizar o sexo, que se torna banal, dificultando a construção de relacionamentos duradouros. Como fuga da realidade, devido ao trauma, vão à procura de medicamentos, lícitos e ilícitos, para se desprenderem do sentimento que vivem quando não estão sob efeito dessas drogas.

Outro aspecto encontrado na literatura analisada foi que a taxa de mortalidade de mulheres abusadas no Brasil tem crescido cada vez mais, isso ocorre quando não conseguem superar de maneira alguma a situação, buscando o suicídio. Tais mulheres acreditam que, dessa forma, encontrarão uma maneira de ter paz, livrar-se das memórias que as afligem (SANT’ANA; BAIMA, 2008).

Jacob (2009) aponta que há mulheres que se envolvem em relacionamentos de características oralizadas, nos quais elas buscam um parceiro que possa confortar seus sentimentos de vazio e dor. Além disso, um parceiro que não tenha passado pela experiência de abuso na infância pode precisar de um apoio profissional para compreender melhor sua companheira e ajudá-la ao máximo a superar isso.

A partir da análise dos resultados apresentados, pode-se observar que há grandes evidências de que o abuso sexual vivenciado na infância pode provocar dores e traumas muitas vezes irreversíveis, desencadeando uma profunda violação dos limites físicos e psicológicos na idade adulta. Nesse caso, especificamente da mulher, o fato repercute de forma negativa em seus relacionamentos interpessoais futuros, dificultando o estabelecimento de vínculos afetivos. A vivência do abuso sexual de maneira precoce implica a perda da espontaneidade e naturalidade da sexualidade da mulher na idade adulta e, em muitos casos, até a perda do sentido da vida. Esses resultados são importantes para o desenvolvimento de programas de ações preventivas e interventivas na área de Psicologia em situações de violência sexual na primeira infância.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A revisão de literatura realizada demonstra que a violência sexual infantil repercute de forma negativa na vida da mulher na idade adulta, principalmente na construção de vínculos afetivos duradouros. A promiscuidade, a desvalorização do sexo, a dificuldade de estabelecer laços de confiança, de sentir prazer ou desejo em relações sexuais são alguns dos resultados de grande prevalência decorrentes do abuso infantil.

Para amenizar o sofrimento psíquico das vítimas de abuso infantil, atualmente existem muitos centros de apoio às mulheres vítimas de violência sexual. Além disso, há maior investimento em relação a essa causa, incentivando-se a denúncia por meio de campanhas de mídia, que conscientizam

a população, afirmando que, se houver suspeita de abuso sexual, as autoridades sejam informadas. Como um período de formação e desenvolvimento, a infância deve ser saudável, pois é nesse estágio que será definido como a criança se constituirá quando adulta, sendo o abuso uma forma de brutalidade que interfere nessa fase.

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. A “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis - o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-44.

APA - ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **DSM V: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOARATI, M. C. B.; SEI, M. B.; ARRUDA, S. L. S. Abuso sexual na infância: a vivência em um ambulatório de psicoterapia de crianças. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 426-433, dez. 2009.

BRAUN, S. **A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo**. Porto Alegre: Age, 2002.

COGO, S. K. et al. Consequências psicológicas do abuso sexual infantil. **Unoesc & Ciência - ACHS**, Joaçaba, v. 2, n. 2, p. 130-139, jul./dez. 2011.

CAMINHA, R. M.; HABIGZANG, L. F.; BELLÉ, A. Epidemiologia de abuso sexual infantil na clínica escola PIPAS/UNISINOS. **Caderno de Extensão UNISINOS IV**, p. 129-142, 2003.

COHEN, C. O incesto. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. (Org.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 212-225.

DE LORENZI, D. R. S.; PONTALTI, L.; FLECH, R. M. Maus-tratos na infância e adolescência: análise de 100 casos. **Revista Científica da AMECS**, v. 10, n. 1, p. 47-52, 2001.

DILILLO, D.; LONG, P. J. Perceptions of couple functioning among female survivors of child sexual abuse. **Journal of Child Sexual Abuse**, v. 7, p. 59-76. 1999.

GREEN, A. H. Comparing child victims and adult survivors: clues to the pathogenesis of child sexual abuse. **Journal of the American Academy of Psychoanalysis**, v. 23, p. 655-670, 1995.

HABIGZANG, L. F. et al. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 341-348, 2005.

JACOB, P. **A Ferida Invisível: Um Estudo Sobre o Abuso Sexual e suas Consequências nos Relacionamentos Amorosos**. Cuiabá, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/LkYBN3>>. Acesso em: 23 set. 2015.

KRISTENSEN, C. H.; OLIVEIRA, M. S.; FLORES, R. Z. Violência contra crianças e adolescentes na Grande Porto Alegre: pode piorar? In: AMENCAR (Org.). **Violência doméstica**. Brasília: Unicef, 1999. p. 104-117.

LIMA, I. V. B.; DIOLINA, J. **Consequências psicológicas do abuso sexual na infância e adolescência: uma ferida invisível**. Disponível em: <<http://goo.gl/43aGWk>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

LOWEN, A. **Alegria: A entrega ao corpo e à vida**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.

MALGARIM, B. G.; BENETTI, S. P. C. O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto ao traumatismo. **Aletheia**, Canoas, n. 33, p. 123-137, dez. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/s6GaFW>>. Acesso em: 24 set. 2015.

REZENDE, S. **Terapia Cognitivo-Comportamental e políticas públicas direcionadas a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual: limites e possibilidades**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/AzJy4i>>. Acesso em: 23 set. 2015.

REZENDE, S. J. As cicatrizes: impactos na vida adulta do abuso sexual infantil. **Revista Raízes no Direito**, n. 2, p. 87-100, 2013.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. **Manual Conciso de Psiquiatria Clínica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.



SANT'ANNA, P. A.; BAIMA, A. P. S. Indicadores Clínicos em Psicoterapia com Mulheres Vítimas de Abuso Sexual. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 28, n. 4, p. 728-741, 2008.

SCHERER, E. A.; SCHERER, Z. A. P. A criança maltratada: uma revisão da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 8, n. 4, p. 22-29, 2000.

WATSON, K. **Substitute care providers: helping abused and neglected children**. Washington, DC: National Center on Child Abuse and Neglect, 1994.

